

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Coneio Brasileiro

Class.: 972

Data: 04.07.89

Pg.: _____

190
DIVULGAÇÃO



Cerca de 450 pequenos aviões fazem o acesso aos garimpos

Roraima teme guerra contra garimpeiros

ANTONIO CARLOS SILVA
Enviado Especial

Boa Vista — Se o Governo Federal decidir realmente pelo fechamento dos garimpos na Floresta Nacional, em Roraima, poderá surgir um conflito armado envolvendo índios Yonómami, garimpeiros e a própria força responsável pela retirada dos garimpeiros da área (são 4 milhões e 800 mil hectares, dos quais 2,8 milhões de áreas indígenas). Essa força provavelmente não será a da Polícia Militar do Estado, pois o governador Romero Jucá Filho já descartou a possibilidade de intervenção.

Ninguém admite que há armas nos garimpos e entre os índios. Esse assunto é tratado na comunidade garimpeira como segredo de Estado. Porém, todos são unânimes em afirmar: "Qual força terá poder para retirar cerca de 85 mil garimpeiros da área? O certo é que nesse jogo do vaivém nenhum dos envolvidos está querendo pagar para ver. Sabe-se que os garimpeiros estão fortemente armados ("nossas armas são para defesa contra animais", dizem eles), enquanto que os Yonómami possuem dezenas de espingardas 20 que, normalmente, eles usam sem

cartuchos.

Os desdobramentos desse possível conflito são imprevisíveis: de um lado os índios, cujas áreas são ricas em ouro, cassiterita e outros minérios, e, de outro, os garimpeiros. O governo de Jucá já "garimpou". Há uma lenda entre os garimpeiros de que "onde há índios há riquezas minerais". Isto explica o fato de que essas aldeias indigenistas são tão procuradas, às vezes com a conivência do Governo, para exploração do subsolo.

A maioria dos 180 mil habitantes de Boa Vista tem a convicção de que a febre do ouro é efêmera. "Isto é ilusão. Passará logo. Aqui tem pouco ouro. É uma 'poelrinha' encontrada de vez em quando para um grande investimento", disse um garimpeiro, que estava hospedado em Boa Vista, na semana passada.

Essa previsão bate com a do motorista de táxi, de sotaque gaúcho, proprietário de um Opala preto, que serve no Aeroporto de Boa Vista: "Isso aqui já deu no que tinha que dar. Tem gente aí (garimpeiros) doido para vender seu maquinário, tirar o seu e dar no pé. Aqui jaz ouro, tchê!"

Aviões movimentam Boa Vista

Boa Vista— O governador de Roraima, Romero Jucá, se vangloria ao afirmar que o Aeroporto Internacional de Boa Vista nos últimos três meses, vem sendo o recordista em operações de vôos. O fato se explica porque, além de vôos regulares feitos diariamente pela Varig e Transbrasil, há cerca de 450 pequenos aviões (monomotores e bimotores) que operam nas 86 pistas de pouso irregulares existentes nos garimpos. "Dá para tirar até NCz\$ 1.300 por dia fazendo três vôos", diz um piloto particular, que pediu para não ser identificado.

Aliás, o entardecer de Boa Vista, é uma espécie de "sinfonia aérea", cuja partitura são os pequenos aviões e o maestro a torre de controle. Todos os dias, das 17h às 18h, dezenas de aviões ficam sobrevoando a capital aguardando o momento exato para o pouso. Esses pilotos, 30 por cento são proprietários dos aviões, são responsáveis pelo transporte de mantimentos até às cantinas dos garimpos e uma viagem até a pista de

pouso de Paapiu dura uma hora e 40 minutos, e é paga em cruzados novos.

Porém, na volta o piloto cobra em ouro o transporte de um passageiro (garimpeiro) até Boa Vista. Pela viagem, dez gramas de ouro bruto (NCz\$ 337,80 valor de quinta-feira passada). Os aviões são dotados apenas de uma poltrona, a do piloto, e o restante do espaço é ocupado para o transporte do minério (sentido garimpo/Boa Vista) e mantimentos (Boa Vista/garimpo). Para se ter uma idéia, uma cerveja custa um grama de ouro no garimpo (NCz\$ 33,78).

Apesar desses preços, da falta de segurança nas viagens aéreas e da possibilidade de o Governo Federal fechar os garimpos das áreas indígenas, os "peões" não desanimam. Passam 60 e até 90 dias entre barrancos e lama na tentativa de concretizar o sonho que uns poucos conseguem alcançar. Muitos desses "peões", além de não encontrar ouro, morrem vítimas das doenças